



(R) EXISTIR DE UM COLETIVO DE ALUNAS: OS PRIMEIROS PASSOS

LA EXISTENCIA DE UN COLECTIVO DE NIÑAS: LOS PRIMEROS PASOS

THE EXISTENCE OF A GIRLS' COLLECTIVE: THE FIRST STEPS

Ana Carla Feijole Oliveira¹
 André Luiz Bernardo Storino²

RESUMO: Este artigo relata a experiência do surgimento e dos primeiros passos de um coletivo de meninas, *Coletivo Girls Power*, em uma escola da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. A pesquisa apresenta a experiência de luta para (r) existir às normalizações e normatizações, dentro e fora dos muros da escola, assim como o desenvolvimento de estratégias para lidar com os ataques que sofreram, ao propor outras configurações de organização em um ambiente escolar heteronormativo.

PALAVRAS-CHAVES: *Girls Power*. Coletivo. Resistência.

RESUMEN: Este artículo presenta la experiencia de la creación y los primeros pasos del colectivo de niñas, *Girls Power colectivo*, en una escuela de la Baixada Fluminense, en Río de Janeiro. La investigación presenta la experiencia de lucha del lo colectivo para existir, incluso frente a las normalizaciones dentro y fuera de los muros de la escuela, así como describiendo de estrategias para lidiar con los ataques que sufrieron, al proponer otras configuraciones de organización en un ambiente escolar heteronormativo.

PALABRAS CLAVE: *Girls Power*. Coletivo. Resistência.

ABSTRACT: This article presents the creation and the initial activities of the girls' collective, *Girls Power Collective*, at a school in the Baixada Fluminense from Rio de Janeiro. The research presents the struggle experience of the collective to exist, even in the face of the normalizations inside and outside the school walls, as well to describing their strategies to deal with the attacks suffered, when proposing other forms of organization in a heteronormative school environment.

¹ Especialista em Arte, Cultura e Sociedade no Brasil Colônia à República. Professora de Sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC. E-mail: anacfeijole@gmail.com

² Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas - UERJ. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Diferença, Educação, Gênero e Sexualidade - NuDES. Professor de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC. E-mail: albstorino@yahoo.com.br

KEYWORDS: Girls Power. Collective. Resistance.

Introdução

Em meio a diferentes investidas contra a escola e a autonomia de professoras e professores, tal como o projeto “Escola sem Partido”, diversos ataques de setores religiosos ocorreram, no intuito de excluir dos Planos de Educação as temáticas de gênero e sexualidade (AMARO, 2017), através do “sintagma ‘teoria/ideologia de gênero’” (JUNQUEIRA, 2017, p. 26).

Estes setores afirmam haver movimentos que arquitetam a doutrinação ideológica de crianças e adolescentes, difundindo como estratégia o medo, ao alegar que estas discussões se tratam, principalmente, da destruição da família, entre outras coisas. Foi a partir deste contexto, portanto, que nasceu o Coletivo *Girls Power*, no Colégio Estadual Monteiro Lobato, em Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro.

A criação do grupo tem sua semente plantada em meados de 2016, depois que duas das cinco idealizadoras participaram de uma oficina sobre gênero e sexualidade, desenvolvida na escola.³ Surgiu, então, o desejo de encontrarem-se para pensar sobre as questões que perpassam o ser mulher e, sobretudo, as que acontecem no espaço da escola, debatendo sobre as diversas violências a que as mulheres são submetidas, assim como os silenciamentos de outras formas de identidades de gênero e sexuais, a partir de suas vivências como alunas dentro e fora da escola. Assim, elas passam a se encontrar e propor eventos para discutirem as temáticas que, na visão de algumas pessoas e que se pode ouvir pelos corredores, são “assuntos espinhosos”.

Trazendo a margem para centro...

“Assuntos” que entendemos perpassar as querelas políticas das identidades, da diferença, do gênero e das sexualidades e que requerem, de antemão, abertura e desprendimento, para compreendê-las e, se possível, adentrar nos caminhos da ressignificação que é posta em constante disputa pelo coletivo, não mais pelas vias da naturalização de uma orientação sexual e de uma identidade de gênero fixas e imutáveis, mas propondo um diálogo aberto e flexível (HALL, 2014).

³ Três alunas, entre as cinco que idealizaram o coletivo, participaram de uma pesquisa de Mestrado desenvolvida na unidade escolar, a qual abordava a discussão sobre gênero e sexualidade, a partir dos desenhos animados exibidos em canais abertos e fechados de TV.

A presença do coletivo problematiza a heteronormatividade que permeia as práticas escolares como modelo compulsório de como se devem estruturar as relações sociais, “um modelo político que organiza a vida” (COLLING; NOGUEIRA, 2014, p. 182), que sustenta a construção binária entre as representações dos corpos a partir daqueles ditos masculinos, em relação aos femininos, e que excluem-se da ideia de “normalidade” – os corpos tornados objetos; essa norma, que serve de esteio para as ações estruturais e que se configura compulsoriamente, é chamada, pela presença organizada dessas alunas, a se deslocar do centro e dialogar.

A atuação do grupo traz à escola um potente espaço de discussão não só dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, mas os denunciam apontando seu caráter social e relacional, que por vezes tomam os conceitos gênero e sexualidade, a partir de reducionismos ligados ao desenvolvimento de papéis em determinado meio e lugar, os quais, embora ligados, não se reduzem aos assumidos seja pela mulher e/ou pelo homem, mas os ultrapassam, posto que configuram os mecanismos das instituições que constroem os sujeitos. (LOURO, 2014)

A instituição escola (assim como igreja, governo entre outras), em seus espaços e em suas práticas, “são atravessadas pelos gêneros” (LOURO, 2014, p. 29) e por ele foi se perfazendo e se perfaz, a partir de muitas demandas, sobretudo aquelas advindas das e dos próprias/os discentes que, ainda que constantemente silenciadas, vez por outra se fazem perceber de muitas formas, como, por exemplo, a ação propostas nos dois primeiros encontros do coletivo, cujo potencial para questionar as proposições biologizantes e essencialistas, as quais tendem a atribuir relação causal e pré-política, quando não apolítica, aos corpos e aos significados que lhes são atribuídos, ensejam outras abordagens “espinhosas” que não aquela ancorada na heteronormatividade.

“Assuntos” que o coletivo, de certa forma, trouxe e que, possivelmente, vai continuar trazendo, como visto já pela escolha do nome: “*Já que é para começar, então vamos com o pé na porta: Girls Power*”, afirma uma das idealizadoras, após presenciar algumas falas como: “*Que bobeira, só meninas!*” ou até mesmo: “*Pra quê isso?*”. As meninas, no entanto, não se intimidaram, pelo contrário, em tempo de ataques a qualquer manifestação das “minorias”, estão a movimentar a escola e fazendo repercutir a máxima de que as mudanças não acontecem sem luta, sendo preciso conquistar seu espaço nesta sociedade tão desigual.

O primeiro encontro

Após os primeiros encontros do coletivo, decidiram organizar um evento que tornasse conhecida a existência do grupo e que fosse também um convite aberto às demais alunas da escola para integrá-lo. Formou-se, então, uma parceria entre professorxs e alunas, o que resultou em uma comissão de organização que se encontrava periodicamente na biblioteca para preparar uma Roda de Conversa. Participaram quatro professoras e um professor das respectivas disciplinas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia, e as cinco alunas idealizadoras do coletivo, uma do primeiro ano e quatro do segundo ano do Ensino Médio.

A partir das questões levantadas pela comissão nas reuniões de preparação, tais como: “*O que é feminismo?*”; “*Por que falar disso?*”; “*Por que na escola?*”; “*Por que com garotas?*”; e “*Por que agora?*”, convidaram a professora *Mestra em Educação, Cultura e Comunicação, Luciana Izis*, para um debate, a qual conduziu sua fala sobre: “*Os feminismos no passado, presente e futuro...*”.

Devido ao reboiço no ambiente escolar por conta deste primeiro encontro, a comissão organizadora junto com a coordenação da escola, julgou profícuo convidar as mães das idealizadoras, para explicar a proposta da Roda e do coletivo. Participaram da conversa três mães, já que duas alunas eram maiores de idades e suas mães as apoiavam. Duas mães demonstraram apoio à participação das filhas, reconhecendo a importância por muitos motivos, sendo que, dentre eles, destacamos dois: a necessidade da luta por igualdade entre homens e mulheres; e a potencialidade do espaço aprendizagem e reconhecimentos de seus direitos.

A postura das mães surpreendeu a comissão, pois se acreditou que haveria resistência em relação à família, o que se mostrou contrário. Apenas uma das mães pareceu apreensiva quanto à participação da filha: “*elas vão se reunir na escola ou vai ter esse negócio de ir para a rua fazer passeata?*”. O que, de certa forma, evidencia o reducionismo a que estão sujeitas as representações do feminismo e dos movimentos feministas (LOURO, 2014).

Foram oferecidas 35 vagas somente para as alunas do Ensino Médio, mediante a realização de inscrição e devolução da autorização de participação, a ser entregue no ato da inscrição e devidamente assinada pelxs responsáveis. A necessidade da autorização adveio, ainda que fosse um evento dentro da escola, do entendimento de que se tratava de um assunto “polêmico” ou “espinhoso”. Isso demonstra o quanto a escola, ainda que em iniciativas advindas dxs discentes, encontra-se temerosa em discutir uma temática tão legítima quanto os prescritos nos currículos oficiais das disciplinas (LOURO, 2013),

evidenciando também os ecos destes tempos sombrios, nos quais a tentativa de criminalização do trabalho docente vem ocorrendo.

Existir, para elas, é uma luta constante, pois assim que iniciaram a divulgação de sala em sala e tornaram público que somente as meninas poderiam participar da Roda de Conversa, as oposições apareceram em forma de comentários dos mais diversos. Uma das falas sintomáticas veio de um grupo de meninos do terceiro ano: *“Já que vocês estão fazendo um grupo de feminismo, então, vamos fazer um de machismo”*, como se os conceitos fossem equivalentes.

Do mesmo modo, uma aluna do primeiro ano questionou uma das idealizadoras se estavam querendo criar *“guerra na escola”*, ao propor um grupo só de meninas, *“ainda mais com este assunto”*, deixando transparecer, assim, que se o grupo fosse de meninas, mas não abordassem a temática, as chances de sofrer tal rejeição seriam muito menores ou até nulas. Oposição esta que as levou à direção para pleitear um quadro de avisos, ainda em construção, nos corredores da escola que possa ser mais um canal de divulgação e formação.

A Roda aconteceu no mês de julho, com a participação de quatorze alunas e uma professora. Iniciou com um descontraído café da manhã compartilhado. Em seguida, formou-se um círculo nos tatames para ouvir o panorama do movimento feminista, sua origem e desdobramentos, como a luta pelo voto, ingresso no mercado de trabalho, entre outros, até culminar nos movimento das feministas negras.

Enquanto ouviam atentamente, algumas alunas direcionaram questões à própria Luciana, para que contasse um pouco de sua trajetória pessoal, envolvendo relacionamentos, formação acadêmica e vida profissional. Foi estipulada uma hora e meia de duração, contudo, ultrapassou-se em mais de uma hora, devido ao interesse e quantidade de questões a serem respondidas.

Primeira Roda de Conversa e lançamento do Coletivo *Girls Power*



Fonte: FEIJOLE, 2017

Primeira Roda de Conversa e lançamento do Coletivo *Girls Power*



Fonte: FEIJOLE, 2017

O segundo encontro

No mês de setembro, organizaram outra Roda de Conversa aberta também aos meninos e ao corpo docente, que teve como temática os relacionamentos abusivos, cujo título foi: “*Quando o abuso se veste de amor*”. A convidada para desenvolver o tema foi a Mestranda em Educação, Cultura e Comunicação pela UERJ, professora Monique da Silva Santos, que trouxe algumas provocações acerca de: “*Quando o amor se torna abuso*”. O público foi composto por 22 alunas e 15 alunos, da nona série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, e dois professorxs.

A segunda Roda de Conversa



Fonte: STORINO, 2017

Nesse encontro, já com a comunidade escolar ciente da existência do coletivo e de algumas de suas propostas, não houve comissão de organização ⁴ entre professorxs e alunas, nem a necessidade de autorização assinada pelxs responsáveis. O encontro foi dividido em dois momentos, sendo o primeiro com todxs que desejaram participar, uma vez que não houve inscrição prévia. Mas, para a surpresa do coletivo, uma professora de português levou sua turma de nono ano, afirmando que o tema é importante, pois os jovens se encontram numa fase em que não sabem “*distinguir isso muito bem*”.

A professora Monique iniciou com uma dinâmica em que todas e todos deveriam olhar para si mesma/o, introspectivamente, trazendo à memória a infância e as pessoas em que depositavam confiança, e seus diversos tipos de relacionamentos.

⁴ Mas somente o acompanhamento da professora de Sociologia e do professor de Filosofia da escola.

Depois, passou a abordar as tipificações de abusos, a partir da Lei Maria da Penha (sexual, psicológico, verbal e moral), e a necessidade da existência dos órgãos competentes para o cumprimento da lei.

Destacou alguns sinais para se identificar um relacionamento abusivo, assim como a não redução deste somente às relações amorosas e sexuais, o que logo foi corroborado pelas experiências compartilhadas por elas e eles na Roda. Uma aluna do segundo ano, de 17 anos, relatou algumas situações em que vivenciou um relacionamento abusivo com a sua professora das séries iniciais, uma vez que era agredida, verbal e fisicamente, para que realizasse as atividades e fizesse silêncio.

O segundo momento foi marcado pela orientação direcionada ao coletivo e sua existência no ambiente escolar. Este último teve a participação do professor de Filosofia, dois alunos do terceiro ano do Ensino Médio, as idealizadoras e mais três novas integrantes, podendo-se vislumbrar um interesse crescente para integrar o coletivo. Ponderou-se sobre a relevância das ações do grupo e a conjugação de teoria e prática, refletindo também quanto à influência da militância constante entorno da defesa dos direitos das mulheres, principalmente na escola e entre as amigas, ajudando-as a entender a urgência de se pensar essas temáticas, assim como as estratégias e seus desdobramentos para envolver mais sujeitos nestas discussões, sem que o coletivo deixe de ser composto somente por meninas.

Considerações Finais: (R) existindo...

Elas seguem na busca por conquistar seu espaço físico nas dependências da escola, através de uma sala para seus encontros periódicos e que possam caracterizá-la conforme suas preferências. Estão a criar outros canais de comunicação, como o Blog, em que possam divulgar seus eventos e seus próprios textos. Pensam, ainda, em visitar outras escolas para apresentar o grupo e propor discussões.

A presença dessas alunas organizadas em coletivo, empoderadas e cheias de ideias ecoa na escola e reverbera para além de seus muros, quando se propõem a pensar sobre as relações às quais a mulher é submetida cotidianamente, e a repensar as questões que envolvem gênero e sexualidade, identidade e diferença. Ainda que as forças de silenciamentos que favorecem a heteronormatividade teimem em predominar (JUNQUEIRA, 2014), esta presença desestabilizadora, que rompe com a lógica da

normalidade (LOURO, 2013), traz para o ambiente escolar outras perspectivas de saberes e fazeres, que elas nos proporcionam fazendo!

Referências

AMARO, I. A docência no armário: o silenciamento das relações de gênero nos planos de educação. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 24, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6998/4162>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

COLLING, Lenadro; NOGUEIRA, Gilmaro. Relacionados mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S.. **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Espírito Santo: EDUFES, 2014. p. 173-185

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133

JUNQUEIRA, R. D. Heteronormatividade e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: RODRIGUES, A.; DALLAPÍCULA, C.; FERREIRA, S. R. da S. (Orgs.). **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: Edufes, 2014.

_____. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária - ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (Orgs.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 nov. 2017.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Submetido em: 10/12/2017

Aceito em: 14/02/2018